

VIRGÍLIO E EÇA DE QUEIROZ: O BUCOLISMO COMO FRUTO DA EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Evaldo Balbino da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais

Perpassa a cultura portuguesa a noção de que o país já foi grande em algum momento do passado, que está atravessando um presente de pequenez, e que, se corretamente encaminhado, voltará a ser grande. Esse tipo de concepção faz com que possamos perceber certas relações entre a “IV Bucólica” de Virgílio e uma série de textos da cultura portuguesa. Com o objetivo de fazer essa análise comparativa, tomei o conto *Civilização* de Eça de Queiroz, que ilustra bem essas relações anteriormente referidas. Neste estudo comparativo, procurarei indicar as semelhanças e diferenças presentes entre a forma como Virgílio interpreta a evolução da história mundial e como, no texto *Civilização*, Eça de Queiroz analisa a evolução da história portuguesa e/ou mundial.

Ao lermos o texto do autor português, percebemos que ele nos remete ao Virgílio do bucolismo presente na *Écloga IV*. Portanto, faz-se necessária, de início, uma análise desta, para que possamos entender mais profundamente aquele. O poeta romano anuncia no seu texto o nascimento de um menino, com o qual virá uma nova era que é a retomada do mito da Idade do Ouro. O referido mito fala da antiga existência de um período, o paraíso perdido, no qual o homem e a natureza se entranhavam numa relação harmoniosa e idílica. Um tempo em que a existência humana se fundava na inexistência de guerras e de ambições. A terra dava ao homem o que era necessário para sua sobrevivência, sem que este tivesse de feri-la. Dessa forma, inexistiam a troca e a idéia de lucro, pois havia tudo

para todos num mundo em que animais selvagens viviam entre os humanos sem causar-lhes dano algum. Entretanto, na sua caminhada pela história, o homem atingiu uma outra idade, que se opõe à do Ouro, a chamada Idade do Ferro, em que os males da humanidade se fazem presentes. Vivendo nessa idade, nós estamos imersos num mundo de competição, onde o quadro de uma decadência mundial é mascarado pelas utopias de um progresso promissor que nos oferece uma expectativa de um futuro melhor. Deve-se colocar, ainda, que a referida decadência se mostra nos planos econômico, social, político, moral, ou seja, em todos os setores da vida férrea. Diante desse mito, podemos fazer referência à queda do Paraíso presente no Gênesis bíblico, uma vez que, ao comerem o fruto da árvore da ciência do bem e do mal, Adão e Eva compram o passaporte para a Idade do Ferro, tornando-se uma metonímia da humanidade. Dizendo sobre essa passagem do Ouro para o Ferro, Helder Macedo busca em Ovídio uma referência:

Num dos versos mais famosos das *Metamorfoses*, Ovídio conta como, na impiedosa Idade de Ferro, oposta à antiga harmonia pastoril da Idade de Ouro, as árvores tinham descido das montanhas e, “como barcos, sulcavam as ignotas ondas”.¹

Retomando o texto virgiliano, percebemos que a nova era, a qual virá com o nascimento do *puer* misterioso, é completamente bucólica, havendo uma retomada da Idade do Ouro:

o menino que está nascendo: a geração de ferro
com ele findará, ao mundo vindo a raça de ouro.
(...)

Sem trato algum, menino, a terra te oferecerá
como primícia as heras que se alastram, mais o bácar,

e as colocásias misturadas ao ridente acanto.
Por si, cheias de leite, as cabras voltarão ao aprisco,
e os rebanhos não mais terão pavor dos grandes leões.
Teu próprio leito cobrir-te-á de cariciosas flores;

¹ MACEDO, 1992. p.117.

morrerá a serpente, e a planta de falaz veneno
morrerá; e aqui e ali há de crescer o amomo assírio.²

A esse poema de Virgílio, tem-se dado desde os tempos antigos uma interpretação messiânica, alegando-se que esse poeta escreveu sob influências do messianismo judeu então em voga no oriente. Com o desenrolar da crítica, no passar dos tempos, essa leitura cedeu a uma visão de cunho político, embora ainda haja os que vêem uma religiosidade intrínseca do poema. Mesmo sendo mais provável que tenha havido uma interpenetração desse texto com outros da cultura judaica, torna-se complicado apontar Virgílio como um profeta a anunciar a vinda do Messias judeu. Considerando o fato de a quarta égloga ter sido escrita num momento em que, sob o consulado de Polião, Roma estava saindo de uma guerra e vivenciando um acordo de paz que lhe causava a espera por um otimista futuro, Cláudio Brandão (1948, p.497) afirma que:

o poeta, celebrando o nascimento de um infante misterioso, efunde, num alegorismo suave, quase bíblico, o anseio de paz, a sede de justiça, o anelo de felicidade que agitavam, naquele século tumultuoso e iníquo, todo o mundo greco-romano.

O poema segue apregoando que a justiça, que outrora deixara a terra na Idade de Ferro, voltará com a nova Idade de Ouro. Péricles Eugênio da Silva Ramos, na sua 8ª nota à IV Bucólica (RAMOS, 1982, p.81), observa que o menino que virá “não será agente das transformações anunciadas, mas contemporâneo delas”, uma vez que o pronome utilizado pelo poeta (*quo*), referindo-se ao *puer*, é ablativo temporal:

Tu modo nascenti puero, quo ferrea primum desinet ac toto surget gens aurea mundo...³

² VIRGÍLIO, 1982. p.77.

³ VIRGÍLIO, 1982. p.76. (O menino que está nascendo: a geração de ferro com ele findará, ao mundo voltando a raça de ouro).

Esse rei de filiação divina, ao aprender as virtudes de seu pai, governará o mundo numa grande paz. Entretanto, durante o crescimento desse “monarca misterioso”, o mundo ainda não estará livre da corrupção humana própria da idade férrea. Outras guerras ocorrerão, as cidades ainda continuarão necessitando da proteção das muralhas, a terra ainda continuará sendo ferida para que o homem extraia dela o seu fruto e “um grande Aquiles outra vez será mandado a Tróia”. Porém, diz-nos Brandão (1948, p.499), a paz almejada chegará com a virilidade desse soberano maravilhoso:

Mais tarde, quando o soberano maravilhoso atingir a virilidade, o nauta abandonará os mares, e cessará o comércio entre os povos. A gleba, sem arado nem enxada, produzirá tudo, e a vinha dispensará a padoa. Os touros ficarão livres do jugo. A lã escusará as tintas: nos prados, os carneiros, sem artifício algum, darão aos velos sedosos a cor purpúrea ou açafroada. Nos pascigos relvosos, um escarlata nativo vestirá os cordeiros.

Como se percebe, Virgílio celebra o menino que, nascendo, governará num momento de paz mundial; um menino que terá suas honras e glórias num mundo para o qual voltarão a justiça e o idílio campesino. A natureza surge aí como o bem que retornará na própria evolução histórica. Assim, podemos nos reportar a Helder Macedo (1992, p.121):

O menino, quer o seu advento seja entendido num sentido político quer num sentido religioso (e tem sido em ambos, ao longo dos séculos), simboliza o espírito de uma nova era em que a sociedade humana teria sido aperfeiçoada como resultado de uma progressão histórica capaz de inverter a tradicional seqüência do declínio e da corrupção.

Uma vez feito o estudo, mesmo que superficial, dos aspectos que nos interessam na *IV Bucólica*, podemos analisar o conto *Civilização* de Eça de Queiroz e estabelecer, entre esses dois textos, uma comparação.

O narrador do conto de Queiroz é também uma personagem do mesmo que, ao narrar, centra-se na figura de outra personagem, Jacinto. Este é aquela típica personagem que assimilou toda a

estrutura definidora da supercivilização – afirmativa cuja colocação é possibilitada a nós pela fala do narrador, a partir da forma pela qual nos são configurados a personagem central e o seu contexto. Ao descrever a personagem, no início do conto, o narrador a associa à palidez e à ruína:

...desde os vinte e oito anos, Jacinto já se vinha repastando de Schopenhauer, do Eclesiastes, doutros Pessimistas menores, e três, quatro vezes por dia, bocejava, com um bocejo cavo e lento, passando os dedos finos sobre as faces, como se nelas só palpasse palidez e ruína. por quê?⁴

A esta pergunta, com que o narrador fecha o trecho acima citado, vem em seguida uma resposta: “Era ele, de todos os homens que conheci, o mais complexamente civilizado – ou antes aquele que se munira da mais vasta soma de civilização material, ornamental e intelectual.”⁵

A biblioteca de Jacinto, que nos é mostrada pelo narrador, é suntuosa, além de se compor por vinte e cinco mil volumes – um depósito do saber, portanto. Mais ao fundo desse depósito, temos o gabinete de trabalho munido de todas as inovações tecnológicas da época:

O que, porém, mais completamente imprimia àquele gabinete um portentoso caráter de civilização eram, sobre as suas peanhas de carvalho, os grandes aparelhos, facilitadores do pensamento, – a máquina de escrever, os autocopistas, o telégrafo Morse, o fonógrafo, o telefone, o teatrofone, outros ainda, todos com metais luzidios, todos com longos fios.⁶

O narrador prossegue, descrevendo a sala de jantar daquela mansão também suntuosa, o que podemos perceber já pelo arranjo dos talheres sobre a mesa. Ao descrever o quarto de Jacinto, o

⁴ QUEIROZ, 1951. p.80.

⁵ QUEIROZ, 1951. p.80.

⁶ QUEIROZ, 1951. p. 82

narrador frisa que todos os “resguardos” advindos do progresso, ali presentes, são uma “sábia invenção de Holland & Cia, de Londres”.

Deve-se colocar que, mergulhado nessa supercivilização, temos um Jacinto leitor de Schopenhauer e do Eclesiastes, representantes do pessimismo, respectivamente, no século XIX e na antiga Jerusalém. Temos um Jacinto que se entrega às idéias desses dois sombrios explicadores da vida, um homem que já envereda pela angústia da existência. Isso nos fica claro numa interessante passagem em que o fonógrafo se descontrola e começa a exalar infundavelmente a fala do conselheiro Pinto Porto: “Quem não admirará os progressos deste século?” Para reproduzir a situação, essa frase é repetida seis vezes no conto, e “debalde Jacinto, pálido, com os dedos trêmulos, torturava o aparelho. A exclamação recomeçava, rolava, oracular e majestosa”.⁷ A idéia que essa fala de Pinto Porto veicula, entretanto, é desconstruída no desenrolar de todo o conto. Já de imediato à cena do fonógrafo, Jacinto e seus amigos correm para a rua e um outro cenário se opõe ao anterior. Na madrugada, um grupo de raparigas, de volta das fontes, cantava com flores nas mãos:

Todas as ervas são bentas
Em manhã de São João...

Notam-se, na passagem acima, os primeiros elementos que já nos permitem comparar o conto em análise com a IV Bucólica de Virgílio, uma vez que nela elementos da natureza (fontes, flores, ervas, manhã) se opõem ao progresso do gabinete de Jacinto.

Já a partir do capítulo III do conto em análise, temos a viagem involuntária de Jacinto para seu velho solar de Torges, ao qual ele nunca fôra e sequer conhece. Isso acelera o processo de retorno da personagem para o mundo da natureza, dando-se o mesmo processo que ocorre na IV Bucólica de Virgílio. Assim como o mundo, com o *puer* virgiliano, retornará à Idade de Ouro, Jacinto, na obrigatória ida para suas terras do interior, vai lentamente

⁷ QUEIROZ, 1951. p.83.

aderindo a uma vida bucólica. Entretanto, o progresso resiste a esse retorno, na medida em que Jacinto se prepara “com desusado tédio” para a viagem, insistindo em levar consigo todos os elementos da civilização. Sendo inevitável a adesão acima referida, entendida como transformação, ocorre o inesperado: ao chegar à estação ferroviária de Torges, Jacinto constata que suas malas ficaram encalhadas na ferrovia, em um outro trem e que não haviam chegado ao seu destino os “confortos necessários a duas semanas de montanha”, que ele enviara, anteriormente à sua viagem, para seu procurador em Torges, posto que este não se encontrava ali e, conseqüentemente, ignorava a visita de seu patrão naquele momento.

Após essa constatação, Jacinto e o narrador-personagem (que também fôra com ele) providenciam animais de carga que possam levá-los ao solar e, embrenhando-se pela mata, encantam-se com a natureza: “os espertos regatos riam, saltando de rocha em rocha. Finos ramos de arbustos floridos roçavam as nossas faces, com familiaridade e carinho...”⁸

Nessa caminhada, começa a sedução do espírito humano pela natureza e os elementos bucólicos vão se configurando num *corpus* que se contrapõe à civilização. Ainda aqui, esta resiste no momento em que a personagem civilizada se depara com a rudeza de sua casa interiorana e não consegue se imaginar adaptada a essa rusticidade. “O pobre Jacinto, esbarrondado pelo desastre, sem resistência contra aquele brusco desaparecimento de toda a civilização, caíra pesadamente sobre o poial duma janela, e dali olhava os montes.”⁹

Com o jantar posto à mesa, ainda temos a resistência da civilização à vida campesina: Jacinto hesita em provar da refeição quando vê a rusticidade daquele arranjo sobre a mesa. Porém, ao experimentar o caldo de galinha servido, ele se surpreende por este ser tão bom e os seus louvores a cada travessa vão ganhando em ampli-

⁸ QUEIROZ, 1951. p.95.

⁹ QUEIROZ, 1951. p.98.

dão e firmeza. Essa interessante cena já mostra como a personagem vai se adaptando aos valores do campo. Logo após a ceia, o narrador e Jacinto se entregam à contemplação do céu estrelado e aquele vai tecendo considerações sobre como a vida urbana não permite ao homem o contato com o paraíso que é a natureza.

No quinto e último capítulo, dá-se a transformação anteriormente referida, ou seja, dá-se a retomada dos valores bucólicos por substituição ao mundo supercivilizado da vida urbana. O narrador sai de viagem, na madrugada do dia seguinte à chegada sua e de Jacinto, e se ausenta por três semanas. Volta após esse tempo, supondo que seu supercivilizado amigo já tenha abandonado os campos de Torges e retornado à civilização. Qual não é o seu espanto ao ver que Jacinto ali permanece completamente transformado! A casa fôra caiada, as janelas já dispunham de vidraças, “o soalho fôra composto e esfregado”, na sala “havia o conforto inesperado de três cadeiras de Verga da Madeira, com braços largos e almofadas de chita”. Jacinto transplantara-se para Torges e ali começara a usufruir plenamente do mundo campestre. Deve-se ressaltar que, nessa transplantação, ele levou consigo, além de outros elementos essenciais da civilização (não todos), alguns livros: o *D. Quixote*, *uma História de Roma*, as *Crônicas de Froissart* e, é claro, *um Virgílio, o divino bucolista*. Surpreso, o narrador pergunta a Jacinto se ele planejava ficar ali por todo o verão. “Para todo o sempre”, é a resposta do interlocutor.

Finalmente, ainda prosseguindo no diálogo, o narrador-personagem cita Schopenhauer e o Eclesiastes. Jacinto, que antes extraía desses dois pessimistas a explicação para a vida, começa a questioná-los, afirmando que o primeiro “dogmatiza funebremente sobre o que não sabe” e o segundo, “sobre o que não pode”; uma vez que, respectivamente, um não viveu a vida e o outro já não podia mais deter o poder e a virilidade aos setenta e cinco anos. A vida é como um imenso solar cujo pátio é uma massa de urtigas, mas que também se compõe de searas, pomares e vinhedos, ou seja, mesmo “afortunada ou dolorosa, fecunda ou vã, ela tem de ser vida”.

Jacinto prossegue com suas idéias, dizendo que o homem sofre desilusões por acumular e alargar a sua inteligência:

É no máximo de civilização que ele experimenta o máximo de tédio. A sapiência, portanto, está em recuar até esse honesto mínimo de civilização, que consiste em ter um tecto de colmo, uma leira de terra e o grão para nela semear. Em resumo, para reaver a felicidade, é necessário regressar ao Paraíso – e ficar lá, quieto, na sua folha de vinha, inteiramente desguarnecido de civilização, contemplando o anho aos saltos entre o tomilho, e sem procurar, nem com o desejo, a árvore funesta da ciência! *Dixi!*¹⁰(Grifos meus)

Com o trecho acima, já podemos nos aprofundar na análise comparativa entre “Civilização” e a IV Bucólica. Percebe-se claramente a retomada da Idade do Ouro também em Eça de Queiroz, mesmo considerando-se que esta difere da de Virgílio, uma vez que nela o homem ainda continuará ferindo a terra para extrair o seu fruto e, ainda, nela far-se-ão necessários alguns elementos da civilização. Enquanto no texto virgiliano o homem abandonará completamente o Ferro, após usá-lo para retornar ao Ouro, no conto “Civilização” a humanidade aproveitará alguns elementos daquele, na retomada deste. Essa questão já foi demonstrada quando se falou dos livros que Jacinto levou consigo para Torges e é reforçada, considerando-se que, após quatro anos da mudança de Jacinto, este pede a seu amigo (o então narrador) que vá à mansão abandonada e lhe envie alguns livros da imensa biblioteca (uma *Vida de Buda*, uma *História da Grécia* e as obras de *São Francisco de Sales*). Entretanto, deve-se frisar que, já na Idade do Ouro, a temática das leituras de Jacinto é o bucolismo, a contemplação da vida sem os mecanismos do saber intrínsecos à supercivilização, notando que uma de suas leituras é a *Iliada*.

Ainda no final do trecho anteriormente citado, é clara a retomada do mito bíblico relacionado ao Paraíso e à queda de Adão

¹⁰ QUEIROZ, 1951. p.109.

e Eva; pois, caso o homem venha, uma vez estando na Idade do Ouro, a provar da árvore “funesta da ciência”, que representa o progresso, a Idade de Ferro retornará.

No momento em que o narrador, após quatro anos, vai à mansão abandonada de Jacinto para pegar os livros que este lhe pedira, ele se depara com ruínas, poeira e restos de progresso. No gabinete de Jacinto, os objetos da supercivilização estão arruinados; o fonógrafo, mudo, não mais exala o discurso promissor de Pinto Porto. A biblioteca tornara-se morada de aranhas e traças:

...errava ali um cheiro mole de literatura apodrecida: – e eu abalei, com o lenço no nariz, certo de que naqueles vinte mil volumes não restava uma verdade viva! Quis lavar as mãos, maculadas pelo contacto com estes detritos de conhecimentos humanos. Mas os maravilhosos aparelhos do lavatório, da sala de banho, enferrujados, perros, dessoldados, não largavam uma gota de água; e, como chovia nessa tarde de Abril, tive de sair à varanda, pedir ao céu que me lavasse.¹¹

Neste quadro final, o destino de toda a humanidade nos é configurado. Isso é o próprio narrador quem diz ao comparar o “magnífico século XIX” ao castelo civilizado de Jacinto.

E, através das ruas mais frescas, eu ia pensando que este nosso magnífico século XIX se assemelharia, um dia, àquele jasmineiro abandonado, e que outros homens, com uma certeza mais pura do que é a vida e a Felicidade, dariam, como eu, com o pé no lixo da supercivilização, e, como eu, ririam alegremente da grande ilusão que findara, inútil e coberta de ferrugem.¹²

Por essas palavras finais do narrador, temos acesso à análise que Eça de Queiroz faz da evolução da história portuguesa e/ou mundial. Para Virgílio, a evolução da história mundial é um processo que se inicia no ferro e, a partir do uso dos elementos do mesmo, chegar-se-á à Idade de Ouro; pois, é através de guerras, navegações,

¹¹ QUEIROZ, 1951. p.110

¹² QUEIROZ, 1951. p. 112

descobertas, disputas, que a esperada paz será atingida. Já para o autor português, a humanidade chegará num momento a entender, como ocorreu a Jacinto, que o caminho para a felicidade reside na vida em contato com a natureza e não no progresso, abandonando este. E é nesse mesmo momento que o homem enxergará como foram ilusão as utopias de seu tempo e se deparará com a civilização em ruínas, abandonada tal qual o palácio de Jacinto.

Outra analogia pode ser feita neste estudo comparativo. Jacinto, ao abandonar o pessimismo de Schopenhauer e do Eclesiastes e nascer para a vida bucólica, é o *puer* virgiliano que também nasce em/para um momento de chegada da Idade de Ouro. Assim, ambos se configuram como metonímia da humanidade.

Enquadrando-se na afirmativa, feita no início deste trabalho, de que perpassa a cultura portuguesa a idéia de um presente em decadência e de um passado glorioso que pode ser retomado, Eça de Queiroz vê o seu presente atravessando uma pequenez que se contrapõe à grandeza do passado tão cantada por Camões em *Os Lusíadas*. Porém, essa glória portuguesa e, portanto, mundial (uma vez que, repetindo, o autor se refere ao século XIX e não somente ao seu país) retornará quando a humanidade puder ver no campo a essência de sua felicidade futura. O mesmo ocorre na Bucólica de Virgílio, uma vez que para este o seu momento presente é a própria Idade de Ferro, dura e árdua, contrapondo-se à Idade de Ouro, que será retornada, aos poucos, a partir do nascimento do monarca misterioso.

Tendo em vista o estudo comparativo até aqui feito, são inegáveis as relações existentes entre o conto de Eça de Queiroz e a IV Bucólica de Virgílio. Podemos falar que aquele dialoga com esta, não somente pela sua abordagem temática, mas também pelas referências explícitas que ele faz ao bucolismo virgiliano.

Referências Bibliográficas

- BRANDÃO, Cláudio. A Quarta Égloga de Virgílio Excerto. *Kriterion* 4. Belo Horizonte: Abril-junho, 1948. p.496-9.
- MACEDO, Helder. Os Lusíadas: celebração épica como crítica pastoril. In: *Actas da V Reunião Internacional de CAMONISTAS*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 1992. p.117-122.
- QUEIROZ, Eça de. Civilização. *Contos*. Porto: Lello Irmão, 1951. p.79-112.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Notas IN: VIRGÍLIO. IV Bucólica. *Bucólicas*. São Paulo: Melhoramentos, 1982. p.74-83.
- VIRGÍLIO. IV Bucólica. *Bucólicas*. São Paulo: Melhoramentos, 1982. Tradução e notas de Péricles Eugênio da Silva Ramos. p.74-83.

Resumo

O presente artigo tece uma análise comparativa entre um conto de Eça de Queiroz (“Civilização”) e um poema de Virgílio (“IV Bucólica”), com o objetivo de mostrar um dialogismo entre esses dois autores.

Na “IV Bucólica”, o poeta romano anuncia o nascimento de um menino misterioso, a partir do qual haverá a retomada gradativa da “Idade do Ouro”, em oposição à “Idade do ferro” presente no momento do poeta. Em “Civilização”, o escritor português nos apresenta Jacinto, uma personagem que lentamente vai abandonando os aparatos da supercivilização (“Idade do Ferro”) e vai aderindo a uma vida bucólica (“Idade do Ouro”).

A análise aqui feita procurará explicitar como se dão essas evoluções nos dois autores; de que forma elas se relacionam e como elas se estendem a toda a civilização mundial.

Abstract

This article makes a comparative analysis between a short story by Eça de Queiroz (“Civilização”) and a poem by Virgílio (“IV Bucólica”). Its purpose is to show a dialogue between these two authors.

In “IV Bucólica”, the Roman poet talks about a mysterious boy’s birth, when “the Golden Age” would start to return gradually and “the Iron Age” would finish gradually too. In “Civilização”, the Portuguese writer shows Jacinto, a character who leaves the great civilization (“the Iron Age”) slowly and goes into a bucolic life (“the Golden Age”).

The purpose of this analysis is to show the kinds of evolution that are in the texts by these two authors: in which way these evolutions are related with each other and how far they would occur all over the world.